

**Traços de
AR, TERRA, ÁGUA e FOGO,
na perspectiva de crianças**



Catálogo da exposição inserida no projecto “SOS Azulejos”

**Traços de
AR, TERRA, ÁGUA e FOGO,
na perspetiva de crianças**

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Traços de AR, TERRA, ÁGUA e FOGO, na perspetiva de crianças

ORGANIZAÇÃO

Maria da Assunção Folque e Isabel Bezelga

EDIÇÃO

Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora

DEPÓSITO LEGAL N.º

(A fornecer pelos serviços de reprografia)

ISBN

(A fornecer pelos serviços de reprografia)

Impresso e encadernado pelos Serviços de Reprografia e Publicações da Universidade de Évora em Novembro de 2017

O catálogo da exposição Traços de AR, TERRA, ÁGUA e FOGO, na perspetiva de crianças apresenta o trabalho desenvolvido pelas crianças e educadoras de infância do Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade que participaram no projeto “SOS Azulejo” no ano letivo de 2015/2016.

O Projeto “SOS Azulejo” é de iniciativa e coordenação do Museu de Polícia Judiciária, órgão da Escola de Polícia Judiciária, e nasceu da necessidade imperiosa de combater a grave delapidação do património azulejar português que se verifica atualmente, de modo crescente e alarmante, por furto, vandalismo e incúria: www.sosazulejo.com

Participantes:

Crianças das salas de 3 anos com as educadoras e auxiliares Fernanda Piteira, Filipa Barradas, Sandra Costa, Vanda Chaveiro e Susana Zambujo;

Crianças das salas de 4 anos com as Educadoras e auxiliares Anabela Ramos, Emília Pegacho, Inês Cabral Neto e Céu Dias;

Crianças das salas de 5 anos com as Educadoras e auxiliares: Isabel Carvalho, Fátima Relvas, Eva Leal e Paula Carvalho.

Coordenadora da instituição Maria do Anjo Grilo

Professora de História Ester Anes Neves

EM TORNO DE UMA IDEIA
ONDE CABE O MUNDO TODO

Silvério da Rocha Cunha
Diretor da Escola de Ciências Sociais da
Universidade de Évora

No Dia da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, que foi comemorado em 2017, uma das atividades que mais se destacou foi a exposição de desenhos de crianças sobre os azulejos que cobrem um cruzamento de corredores no Colégio do Espírito Santo, lugar que os estudantes da Universidade cunharam com o nome de “Centro do Mundo”. As crianças que desenharam sobre estes azulejos tinham 4 anos e frequentavam o Jardim de Infância Nossa Senhora da Piedade. Orientadas pelas suas educadoras, produziram o que hoje é dado ao público. Agradeço às educadoras Anabela Ramos e Inês Neto o trabalho que acompanharam e orientaram, bem como à Professora Doutora Maria Assunção Folque a ideia de expor os desenhos destas crianças no “Centro do Mundo” neste Dia da Escola. Ideia feliz, original, que veio enriquecer enormemente esta nossa comemoração.

Que me tocou nesta exposição? Não vou emitir juízos de especialista na matéria, que não sou, nem quem concebeu a iniciativa deles precisa. Parece-me, isso sim, que se tratou de uma iniciativa e demonstração da força das energias utópicas que todos nós, desde que somos gente, carregamos connosco. Com efeito, estes desenhos interpelam quem os vê, na medida em que a imaginação que deles emana combina o nosso recuo a uma certa “aurora” da vida com a paixão da esperança num recomeço onde podemos esperar o inesperado. Neste sentido, posso pensar que aquelas crianças realizaram, sem o saber, um movimento de imaginação instituinte da visão do mundo, o mesmo é dizer: exprimiram, em termos plurais, esse “excedente” que o humano alcança nas suas obras e se projeta para além de cada indivíduo e da sua circunstância.

Com os seus desenhos, mostraram-se como sujeitos e interpelaram o “outro” que há em cada um de nós. Com eles, também estas crianças ajudaram a preparar aquela manifestação de diferença que ajuda à criação do “novo” no seu limite, ou seja, como forma de reconciliar o existente com outros sentidos, outras possibilidades, outras inquietações, que vão muito além da quotidianidade que cerca, e até certo ponto sufoca, a existência concreta dos homens. E, com isso e só por isso, contribuíram para melhorar a nossa humana condição. ■



PERCURSOS E ENCONTROS
NO CENTRO DO MUNDO

Maria Assunção Folque e Isabel Bezelga
Departamento de Pedagogia e Educação,
Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora

Este catálogo regista um inesperado diálogo entre crianças de 4 e 5 anos, azulejos do século XXVIII pertença de edifício que nasce no século XVI e os seus habitantes diários na Universidade de Évora em pleno séc. XXI.

Ao entrarmos numa manhã de sol no átrio do Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade deparámo-nos com os belíssimos painéis do Centro do Mundo, recriados pelas crianças, trabalho inserido no projeto educativo integrador “Patrimónios” (ver entrevista na página 19). Foi como se de um reflexo em espelho se tratasse e os painéis AR, TERRA, FOGO E ÁGUA, nos fossem devolvidos mediados pela expressão das crianças. Também foi imediata a consciência de que o que ali encontrámos teria que ser levado de novo para os corredores da Universidade.

E assim foi! Feita a proposta à coordenação do Jardim Infantil, esta compreendeu de imediato a sua importância, uma vez que o património azulejar do Colégio do Espírito Santo é, por si só, um património ímpar da cidade, que importa conhecer e valorizar. Por ocasião do dia da Escola de Ciências Sociais foi então inaugurada a exposição Traços de AR, TERRA, ÁGUA e FOGO, na perspetiva de crianças. Tendo sido instalada no corredor da biblioteca e no próprio Centro do Mundo, cada painel dos 4 elementos feito pelas crianças foi posicionado frente a frente com o seu correspondente azulejar, num diálogo aberto e franco, gerador de novas ressignificações.

Ainda nesse dia, 14 de março, as crianças, autoras das obras expostas, visitaram com as suas educadoras a exposição, enchendo os corredores silenciosos da Universidade de entusiasmos e borburinhos, na exaltante redescoberta de um processo por elas vivido. Ao longo das duas semanas seguintes professores/as, estudantes, turistas e familiares estimulados pelos olhares das crianças se detiveram neste espaço do centro do mundo, encantando-se de novo com

os painéis pelos quais passavam já distraidamente nos seus quotidianos.

A formação de educadores de infância
na UniverCidade de Évora

O projeto de que esta exposição e catálogo dão conta é também uma evidência de que existe uma cultura de formação e uma cultura pedagógica partilhada pelas instituições educativas cooperantes da Universidade de Évora que, diariamente envolvem numa vivência plena as crianças como cidadãs, de Évora e do mundo.

Enquanto docentes da Universidade de Évora e, especificamente na formação de educadores de infância e professores do 1.º ciclo do ensino básico, desenvolvemos o nosso trabalho em parceria com dezenas de instituições de educação de infância e de ensino básico, bem como com diversas equipamentos sociais e culturais da cidade de Évora e de outras cidades, há mais de vinte anos. Nesta formação procuramos que os profissionais educadores se assumam como mediadores culturais e agentes cívicos atentos. Procurando assim, colocar o enfoque da formação numa ampla formação cultural e na ética, do cuidado e da intervenção cívica de modo a que o possam fazer depois com as crianças com quem vão trabalhar, por via de um isomorfismo pedagógico (Niza, 2009; Folque, Leal-da-Costa & Artur, 2016). Estas dimensões estão bem plasmadas no processo artístico e cívico que estas crianças viveram e que aqui se apresenta.

Este entendimento da identidade profissional dos educadores/professores de crianças pequenas leva-nos a tomar consciência que, na sua formação é determinante que os estudantes, futuros educadores, experimentem uma vivência do espaço público muito para além das salas de aulas e das bibliotecas; por isso, denominamos o espaço de formação como a UniverCidade de Évora. É neste espaço amplo que se dá o ‘espanto’, que emergem os questionamentos e as perplexidades e que se iniciam trabalhos de projeto.

Com Bruner (1996) entendemos que a aprendizagem se desenvolve por projetos de produção de obras culturais, de pesquisa artística, científica e de intervenção social. O

trabalho por projetos convoca o conhecimento científico, a sensibilidade e o pensamento para a problematização, compreensão e resolução de problemas. Esta estrutura de projeto transforma os profissionais e as crianças /alunos de meros consumidores culturais em produtores de cultura, assumindo-se, as crianças e os adultos, como autores (Peças, 2006).

Pedagogia do olhar: Por um olhar sensível

Não obstante tratar-se de uma generalização, pode afirmar-se que a “escola” enquanto instituição que regula processos de aprendizagem, ainda está longe de ser a “escola sonhada”.

A escola não tem ainda o seu foco na preparação de crianças e jovens autónomos e, por isso, não se incumbe da tarefa primeira: o aprender a ver, ou seja – o ser capaz de observar e de interpretar de forma sensível o mundo.

É por isso que se reveste da maior importância dar visibilidade a boas práticas, a uma experiência bem sucedida como esta, que ocorre na cidade de Évora e com repercussões no exterior do contexto em que foi produzida, para que alimente a reflexão em torno das problemáticas contemporâneas que não se esgotam apenas no seio das ciências socais e das Artes mas interessam a toda a academia.

Os educadores, que quotidianamente exercem as suas funções educacionais nos centros de educação pré-escolar e jardim de infância como o Centro N.º Sr.ª da Piedade, sabem que têm um papel deveras importante na definição de um programa de ação intencional votada ao exercício de sensibilização e de emancipação do olhar das crianças.

Estas experiências articuladas e significativas alimentam a criatividade e promovem o desenvolvimento de um olhar crítico e contemplativo.

O projeto no seu todo, incluindo o momento de partilha e exposição pública dos seus resultados, foi uma importante fonte para o conhecimento do mundo – visto que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1988).

Sem dúvida, o projeto desenvolvido com estas crianças/ autoras possibilitou o envolvimento precoce em práticas de



experimentação e criação artística, assim como o reconhecimento das suas múltiplas linguagens.

Através do desenvolvimento de processos de experimentação e descoberta, similares aos decorrentes da criação artística contemporânea, numa modalidade de co-criação reflexiva, as crianças terão explorado as bases necessárias à permanente negociação entre todos os participantes, num projeto (Bezelga, 2017).

A pedagogia do olhar instiga uma ação reflexiva própria, pessoal e poética, relativa às descobertas e experiências significativas de produção de sentidos, Em que a experiência implicada do corpo se torna insubstituível no processo de criação de imagens e significações. A intuição, experiência e subjetividade são factores presentes no desenvolvimento da apreciação estética. E são as intersubjetividades que decorrem da imersão afectiva e relacional de ordem estética que permitem o desenvolvimento do eu sensível (Rancière, 2005)

A estetização crescente da pedagogia – que se alicerça num novo paradigma: “educational turn” (O’Neill & Wilson,

2010) – é a resposta a uma exigência contemporânea complexa que questiona as aprendizagens realizadas no âmbito do paradigma de “especialização”, mas antes se situa em torno e por entre poéticas híbridas. Necessita a mobilização de conhecimentos transversais e a experiência metodológica de várias abordagens. Assenta na reciprocidade, em relações “olhos nos olhos” e num diálogo corpo a corpo.

Habitar e viver a cidade

O que proporcionou a realização de todo este processo? Desde as primeiras saídas (de campo) das crianças, passando pela realização da exposição, até à publicação deste catálogo?

A realização de uma cartografia, que atravessada por múltiplas leituras permite o eclodir de mil subjectividades. Os contributos dos olhares, e significados atribuídos pelas crianças, junto dos profissionais e estudantes de diferentes áreas, tomando de “assalto” um espaço sacralizado, ajuda a uma nova concepção de Espaço público:

1 – Deixa-se afectar e afecta através da potência que inusitados encontros promovem na ressignificação e novos usos do espaço;

2 – Possibilita desenvolver relações dialógicas nos que experimentaram/desenharam no espaço do CES, percursos e discursos entre/de/para para o Centro do Mundo.

A experiência de elaboração de mapeamentos críticos permite desenvolver novas cartografias (Delleuze & Guattari, 1995; Kastrup, 2005) habitando o território com disponibilidade afectiva para o sonho e o desejo. Quem sabe assim se promovem novas redes e ampliam possibilidades/acessibilidades.

O projeto desenvolvido pelas crianças e pelas educadoras que aqui se apresenta vem precisamente realçar a dimensão pública deste processo de aprendizagem, verdadeiramente inserido na vida da cidade. Esta abordagem resgata as crianças dos simulacros de vida que se insiste em querer fazer nos jardins de infância e nas escolas. As crianças, em diálogo autêntico com membros da comunidade (ex: a polícia judiciária) e com os seus problemas (danificação do património

azulejar) envolvem-se num processo de conhecimento e de descoberta dos azulejos da cidade de Évora onde encontram o conhecimento integrado e inteiro – descobrindo padrões, conhecendo figuras históricas, religiosas e mitológicas, visitando monumentos e acontecimentos da história da cidade e, no centro do mundo, conhecendo os 4 elementos naturais, constituintes primeiros da nossa natureza. Para além dos conhecimentos que se ampliam, é na transformação do modo de estar no mundo, da relação com a cidade, no olhar sensível para o mundo à nossa volta, que reside o valor educativo deste projeto.

Por último, podemos referir que todos estes processos, bem patententes no projeto, pressupõem uma visão de criança como cidadã, sujeito do seu próprio caminho e em diálogo com membros da sua comunidade. É assim que ela se pode libertar de visões menores a que a temos vindo a circunscrever – por um lado a criança como ingénua, imatura, imperfeita, por outro a criança consumidora e fechada no seu ego-centrismo limitador como se ela fosse o centro do mundo.

Porque é grande a diferença entre pensar-se o centro do mundo e ter possibilidade de habitar o Centro do Mundo!

REFERÊNCIAS

- Bezelga, I. (2017). *O papel das artes na promoção do sucesso académico: O prazer de fazer acontecer!* Revista Portuguesa de Educação Artística, 7, 72-81.
- Bruner, J. (1996). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs. v.1*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.
- Folque, M. A., Leal-da-Costa, M. C. & Artur, A. (2016). *A formação inicial e desenvolvimento profissional de educadores/professores monodocentes: os desafios do isomorfismo pedagógico*. In C. H. Alves Correa, L. I. Pessoa Cavalcante & M. Freitas Bossoli (Org.). *Formação de Professores em perspectiva*. Universidade Federal do Amazonas. (pp. 177-236). Manaus: EDUA.
- Freire, P. (1993). *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 28.ª ed. São Paulo: Cortez.
- Kastrup, V. (2005). *Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre*. Educação e Sociedade, 26 (93), 1273-1288.
- Niza, S. (2009). *Contextos Cooperativos e Aprendizagem Profissional: A Formação no Movimento da Escola Moderna*. In J. Formosinho (Ed.), *Formação de Professores: Aprendizagem profissional e acção docente* (Vol. 32, pp. 345-362). Porto: Porto Editora.
- O’Neill, P. & Wilson, M. (2010). *Curating and the educational turn*. London and Amsterdam: Open Editions and de Appel.
- Peças, A. (2006). *Sérgio Niza: A construção de uma democracia na acção educativa*. Educação – Temas e Problemas, 1(1), 147-167.
- Rancière, J. (2005). *A Partilha do Sensível – Estética e Política*. São Paulo: Exo Experimental.

A PEDAGOGIA DOS AZULEJOS

Celso Mangucci
Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA)
da Universidade de Évora

É mais ou menos comum associarmos os programas de imagens, normalmente uma extensa combinação de frescos, escultura, pintura e azulejos, depois do Concílio de Trento, aos esforços doutrinários – e didácticos – da Igreja Católica. Invulgar é podermos acompanhar um programa de imagens didácticas no sentido mais estrito do termo, quando associado à uma instituição formal de ensino, onde se pretende ensinar conceitos filosóficos e científicos. É esse o caso dos azulejos do Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora.

O programa educativo jesuíta estende-se por uma verdadeira rede mundial de colégios e universidades. Uma das muitas características desse programa é a assunção de uma vertente lúdica, assente na ideia da Poética de Aristóteles de que o verdadeiro prazer intelectual advém da interpretação, do reconhecimento do significado escondido nas imagens metafóricas, ou como preferia dizer François Menestrier, um importante teórico jesuíta francês, o decifrar das “imagens enigmáticas”.

Em Évora, quando por volta de 1740 ficou concluída a torre de ligação dos corredores, com um programa artístico que combinava os azulejos dos quatro elementos com as esculturas dos arcanjos heráldicos, ficou concluído um dos mais interessantes exemplos dessa prática pedagógica.

Os azulejos representam cenas mitológicas, mas os títulos dos painéis remetem para os quatro elementos, um conceito filosófico de que toda a matéria do universo pode ser reduzida a esses elementos essenciais que, por sua vez, possuem propriedades combinatórias específicas. Se olharmos para o alto, podemos perceber que os arcanjos sustentam escudos heráldicos, e que a figura de Geraldo sem Pavor simboliza Évora. Os restantes três escudos fazem menção à Companhia de Jesus, ao Cardeal D. Henrique e ao Rei de Portugal. Ao unir essa comparação da escultura com os azulejos, completamos o significado: O Rei, a Cidade, o Arcebispado

de Évora e os Jesuítas são as instituições fundadoras e a colaboração entre elas a força motriz da Universidade de Évora.

Os jesuítas utilizavam esse tipo de imagens em que se associam textos e imagens metafóricas nas suas aulas como exercícios auxiliares para desenvolver a memória dos conceitos e nos dias festivos os alunos eram convidados a criarem os seus próprios emblemas que eram suspensos pelas galeiras do pátio.

As actividades educativas propostas sobre o tema dos azulejos recuperam essa fase essencial da relação com a imagem, os primeiros passos na interpretação do seu significado. Ao associar as actividades lúdicas do passeio, da interrogação, da conversa e da própria pintura dos azulejos, dão um importante contributo para experiência lúdica na relação com a linguagem, com o símbolo e com o conhecimento. As pedagogas envolvidas no planeamento dessas actividades não poderiam encontrar melhor lugar e tradição entre o extenso património da prática do ensino em Portugal. ■



OS AZULEJOS DO “CENTRO DO MUNDO” NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Paulo Simões Rodrigues
Departamento de História da Universidade de Évora/
CHAIA

O espaço que no Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora é informalmente designado por centro do mundo corresponde a uma torre de formato octogonal, localizada no seu flanco norte, onde se interseccionam, no piso superior, quatro corpos daquele edifício, construídos em períodos cronológicos distintos. No seu interior, destacam-se os conjuntos de azulejos que decoram as quatro secções de parede, ali colocados no século XVIII. São quatro painéis que representam os quatro elementos primordiais (água, ar, terra e fogo), os quais, segundo a Física de Aristóteles, faziam parte da composição de todas as substâncias existentes no mundo.

Embora a Universidade de Évora tenha sido inaugurada no dia 1 de Novembro de 1559, o início da edificação do Colégio do Espírito Santo remonta a 1550, ainda não com a finalidade de instalar estudos superiores, mas de formar o clero da arquidiocese de Évora. A iniciativa do seu levantamento deveu-se ao cardeal D. Henrique (1512-1580), também responsável pela ocupação do colégio pela Companhia de Jesus no ano de 1554 e pela elevação dos estudos aí ministrados pelos jesuítas a Universidade. O processo de construção do colégio prolongou-se até 1655. Entre 1709 e cerca de 1746 decorreu uma campanha de remodelação do edifício que incluiu a construção da torre octogonal. Iniciada em 1726, ficou concluída com a instalação dos painéis azulejares entre 1745 e 1746. A obra foi custeada pelo padre jesuíta António Franco (1662-1732), historiador e pedagogo que se destacou no ensino da gramática, do latim e da retórica.

No interior do piso superior da torre octogonal, os painéis de azulejos são encimados por quatro nichos ocupados por esculturas cerâmicas de anjos tenentes que seguram escudos com os brasões da Companhia de Jesus, da

cidade de Évora, do Cardeal D. Henrique e da Casa Real Portuguesa. Em relação aos painéis, de autoria atribuída à oficina de Nicolau de Freitas, a partir de uma gravuras de Étienne Baudet, os quatro elementos são personificados por personagens mitológicas. A água é personificada por Neptuno, deus dos mares, que empunha um tridente num carro puxado por cavalos. O ar por Eolo, deus dos ventos, que os liberta a pedido da deusa Juno, que o segue transportada num coche puxado por pavões. A cena alude a um episódio relatado no primeiro livro da Eneida de Virgílio, em que Juno, mulher de Júpiter, pede a Eolo que desencadeie uma tempestade que impeça a chegada dos navios troianos, comandados por Eneias, a Itália. A terra por Cibele (deusa da fertilidade, coroada com espigas), Ceres (deusa da agricultura) e Baco (deus do vinho), que surgem num carro conduzido por leões. O fogo por Júpiter, rei dos deuses, representado com os seus atributos simbólicos, a água e o feixe de raios na mão.

Segundo Celso Mangucci, esta associação entre esculturas de anjos e composições azulejares, entre cristianismo e mitologia pagã, não é aleatória. Pelo contrário, obedece a uma lógica retórica e visual de relação entre opostos, cristianismo e paganismo, que reforça mútuos significados. Neste caso, os quatro elementos da natureza e as suas qualidades são associados às entidades políticas e religiosas que participaram na fundação da Universidade de Évora, simbolizadas pela heráldica que os anjos seguram: o fogo à Casa Real portuguesa, a terra ao Cardeal D. Henrique, a água à cidade de Évora e o ar à Companhia de Jesus. Deste modo, a sala octogonal revela-se como o centro simbólico do valor político e significado histórico do projecto educacional da Universidade de Évora. ■

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS
Lobo, R. (2009). *O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*. Évora: CHAIA – Centro de História da Arte da Universidade de Évora.
Mangucci, C. (2015). *Universo, Universidade – O enigma dos azulejos da torre octogonal do Colégio Jesuíta de Évora*. Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line. Flor, S. V. (coord.). Lisboa: ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.
Medeiros, J. F. (2002). *Os Azulejos da Universidade de Évora*. Évora: Universidade de Évora.

**Traços de
Ar, Terra, Água e Fogo**



Ar



Terra



Fogo



Água





**“Eu fiz dois querubins
no painel do Ar.**

MATE

**“O meu painel é o do Ar.
Eu fiz a carruagem com
as rodas nas nuvens**

Fraoncl<|<<0



**“Eu escrevi “TERRA” no
painel. O painel da
Terra tem palmeiras,
uma carruagem com
leões e querubins.**

JOÃO NABAIS

**“Eu escolhi o painel da
Terra. Fiz as flores mas
o painel também tem
anjos (querubins) e
frutos nos cestos das
senhoras.**

BEATRIZ



**“Fizemos o painel da
Água. Tinha o Neptuno
sem cara e dois cavalos.
Os anjos chamam-se
querubins.
Também tem muitas
flores.**

Miguel



**“Nós estávamos a ver a
fotografia do painel da
Água. Vimos querubins,
cavalos, uma senhora
com uma coroa e sem
cara.**

o rei q'ia



**“Pintámos com a
esponja a folha de
azul, como estava no
painel dos azulejos.**

RitAs



**“Pintámos o painel do
Fogo e fomos para a
sala comunicar o
trabalho final aos
amigos da sala.**

RitAs - ndio Ana m



TEM QUE HAVER UM TEMPO PARA OLHAR...

entrevista conduzida por Maria Assunção Folque

Depois da exposição no Colégio do Espírito Santo ter tido um impacto tão positivo na comunidade académica permitindo-nos re-olhar o nosso património através do olhar das crianças, fomos ao Jardim de Infância Nossa Senhora da Piedade entrevistar a coordenadora Maria do Anjo Grilo [MAG] e as educadoras Eva Leal [EL], Anabela Ramos [AR] e Inês Neto [IN]. Queríamos saber como tudo se tinha processado e que sentido teve para as crianças, para as famílias e para os profissionais, este projeto.

No sentido de dar a conhecer o processo que esteve na base desta bela exposição, gostaria que saber como é que isto tudo começou...

MAG – Este processo começou no segundo ano em que estava a decorrer o nosso projeto educativo Patrimónios. Neste contexto, e por um simples acaso, a instituição recebeu um convite do Museu da Escola da Polícia Judiciária a propósito do património azulejar e das preocupações pelo facto de estar a ser danificado, esquecido e até algum a ser roubado. O assunto foi falado e partilhado em equipa, pois estando nós a vivenciar um projeto que se centrava no nosso património, na nossa história, na nossa identidade, não poderíamos deixar de nos juntar a esta causa. Por isso a equipa e as suas crianças seriam parte de “SOS azulejo”. A ideia foi realmente bem acolhida, as educadoras queriam agarrar este projeto até porque Évora é rica também neste contexto e estando os meninos em contacto com esta realidade era importante fazê-los olhar e perceber que património é este; o que é que nós podemos fazer... não só para o conhecer como para o ajudar a preservar.

Já também com uma dimensão de intervenção na resolução de um problema...

MAG – Exatamente, nós trabalhamos nesse sentido e havia então que fazê-lo desta forma... não só eles olharem e conhecerem mas também educarem-se no sentido de cuidar e respeitar este património.

A ideia era então haver um contacto e um maravilhamento das crianças com a realidade no sentido de elas não se preocuparem com ela?

MAG – É isso mesmo. O que combinámos em equipa foi, em cada uma das salas, procurarem fazer uma investigação no centro histórico para ver o que havia em termos de património azulejar e a partir daí cada educadora levar os meninos aos espaços e perceber que impacto tinham aquelas visitas... o que eles viam e o que surgiria a partir desses momentos, que interesses e questões teriam as crianças.

E em que espaços é que se centraram?

MAG – Um foi o espaço da Universidade onde foram as salas de 4 anos, e é engraçado, percebermos que muitos deles já tinham passado por ali com familiares mas nunca lhes tinham sido “apresentados” ou explicados. Para além da Universidade havia também algumas igrejas no centro histórico e os azulejos da CP na estação de caminhos de ferro. Nestes locais, eles brincaram observaram e ficaram a conhecer e a perceber... Depois as educadoras e as crianças levaram para as salas estas descobertas onde as puderam explorar de diferentes formas.

Tendo em conta os objetivos já enunciados podemos perguntarmo-nos: será que as crianças não são ainda muito novas para apreender esta mensagem do cuidado e preservação dos azulejos... não será um projeto ambicioso?

MAG – Eu sei que é possível porque estou aqui, acompanho as crianças e o trabalho que é feito pelas educadoras, um trabalho pensado e adequado aos interesses e capacidades das crianças. Sabemos todos que a vida é para ser vivida com as crianças dentro da escola e fora da escola, educadores e famílias devem abrir portas a novos contextos e aprendizagens, só assim nos podemos relacionar, conhecermos a comunidade, a nossa história e identidade. Só assim se educa para a vida.

Não devemos andar a procurar coisas porque são infantis ou que se podem dizer direcionadas para as crianças. Não é essa a nossa perspetiva. Temos a imensa responsabilidade de educar as crianças para que se sintam parte de uma escola, de uma comunidade, de uma cidade... Quando saímos há que educar as crianças para o olhar... e a respeitar não só a natureza mas também todo o património que é nosso. Este projeto foi muito rico e foi muito interessante porque as crianças trabalharam não só este tema mas também outros, que até se podem considerar ambiciosos mas que facilmente as crianças conseguiram conhecer e interrelacionar com conteúdos do nosso património artístico, histórico, cultural, humano e paisagístico. Não acho que seja ambicioso de todo ir passear com uma criança no centro histórico da sua cidade, parar junto a uma fonte e contemplá-la... na verdade estamos a contar histórias. Pergunta-se a uma criança:

“Nós vivemos onde? No Alentejo. E no Alentejo está a nossa cidade de Évora e a cidade tem muitas histórias. Porque é que tem muitas histórias? Tem muitas pessoas, tem muitas casas... que são o património humano e as pessoas contam-nos histórias, têm muitas coisas para nos contar...”

É essencial que assim seja. Não considero que seja ambicioso. Acho que é natural... viver as coisas com as crianças, tudo o que vivemos pode ser dito independentemente de terem 2, 3, 4 ou 5 anos. E este projeto também provocou mudanças que eu gostava de realçar. Eu senti isso e julgo que também a equipa sentiu. Este projeto levou as famílias a ir a sítios que não iam com os meninos. Levou as famílias a deixar de passar os fins de semana em espaços comerciais, e começaram a percorrer mais o centro histórico e a descobrir atividades no Centro histórico e que afinal os meninos queriam saber, os pais também aprenderam com este trabalho.

Isto remete para assumir o papel da instituição na revitalização cultural e social, da própria cidade, não é?

MAG – Sem dúvida. Este projeto superou as expectativas e

foi tão fácil os adultos serem levados pelas crianças, foi tão bonito ver os pais disfrutarem com tranquilidade este projeto, foi tão enriquecedor as histórias que nos trouxeram, as fotos antigas guardadas lá por casa que serviram de inspiração para continuar, foi tão gratificante ter avós e bisavós a partilhar connosco saberes e histórias do antigamente. Sabemos agora que se ganharam muitos bons hábitos, como o passeio de fim de tarde na Praça, ou o Domingo de manhã em família no jardim junto ao coreto e ao palácio, etc...

E a Eva, nesse ano estava com meninos de que idade?

EL – Estava com meninos de 5 anos. Para nós foi fácil avançar com o projeto, pegando na ideia do restauro e da preservação do Património. Durante as obras de recuperação da Igreja de S. Francisco, aqui ao lado, nós fizemos várias visitas de modo a acompanhar o processo. A Igreja estava transformada, parecia mesmo um estaleiro, de modo que tivemos de conversar sobre a importância daquela intervenção. Falámos, muitas vezes, do conceito de preservar, porque não são só as práticas abusivas das pessoas que danificam o património, são também as condições climáticas, logo há um conjunto de situações que levam a que o património se degrade.

Portanto, neste projeto S.O.S Azulejo procuramos ir ao encontro desses conhecimentos. Depois, o facto de passarmos muito na rua também fez com que eles observassem coisas engraçadas e que ficassem despertos para o tema.

É uma prática que têm aqui no Jardim de infância, o sair frequentemente à rua com as crianças?

EL – Sim sim. É diário... faz parte da nossa forma de estar. Contactar com a vida real, com situações do dia-a-dia permite-nos ter vários exemplos para abordar, como foi o caso dos grafitis que encontramos, uma vez ou outra, nos monumentos. O Projeto dos Azulejos teve o ponto de partida com a visita da Ester, que foi comum a todas as salas da educação Pré-escolar. Ela trouxe uma mala com vários elementos





para conversar com as crianças.

MAG – A Ester é professora de história. Eu senti que era importante ter no projeto o apoio de uma professora de história para também em equipa termos a informação correta e para podermos estar com as nossas crianças de forma mais segura. E depois, como ela gostou muito de se relacionar com as crianças, surgiu também a ideia de ela trazer uma história dentro de uma mala fazendo o ponto de partida para a visita.

EL – A partir desse dia, nós tornámos consciente a necessidade de nos focarmos só nos azulejos. Após a conversa com a Ester surgiram observações por parte de algumas crianças, por exemplo, alguns azulejos têm formas geométricas e outros contam-nos histórias. A Ester acompanhou-nos quando fomos ver a Igreja de S. João Evangelista, no Convento dos Loios, ela foi uma peça fundamental pois descreveu cada mural, contando-nos a história em pormenor... Nas semanas seguintes tentámos encontrar outros sítios para visitar de acordo com o que as crianças conheciam... O João, um menino da minha sala disse: “Ah, mas eu sei de um sítio onde também há muitos azulejos” ele ia muito com o pai à estação de comboios. Então fomos à CP e o João sabia contar a história dos azulejos pois o pai já lhe tinha contado... “Olha, aqui foi da batalha, quando os mouros estiveram em Évora” contando pormenores aos amigos.

Na Igreja de S. Brás os azulejos são geométricos e são do séc. XVI. Demos atenção aos círculos, triângulos e losangos que se repetiam ao longo de paredes altas.

Ao fazermos o registo escrito e fotográfico na sala per-



cebemos que eles gostaram da ideia dos azulejos com motivos geométricos.

Contudo, através das histórias contadas em murais chegámos a abordar banda desenhada, pois o Martim associou o conceito “estas histórias contadas dentro do quadrado fazem-me lembrar banda desenhada” e aproveitámos para promover a linguagem oral, a criatividade e a imaginação. Houve depois a necessidade de optar pelo tipo de mural que queríamos construir e eles escolheram os padrões geométricos.

Discutimos uma série de conceitos matemáticos para tomar decisões sobre o mural mas também discutimos a questão das cores. Constatámos que os azulejos tinham, muitas vezes, o amarelo, o azul claro, o azul escuro e o branco que fazem parte das cores da cidade e baseámo-nos nisso.

A partir daí, criámos um atelier, onde eles se inscreviam por afinidade “Queres trabalhar comigo? Então vamos fazer o nosso padrão”.

Dentro da paleta de cores que escolhemos, cada grupo decidiu as que queria usar, bem como, as formas geométricas, que foram selecionadas de entre as peças de jogos e materiais de reciclagem da sala. Exploraram-nas e descobriram padrões. Houve, naturalmente, apoio dos adultos na medida em que as crianças necessitavam de ajuda para trabalhar o conceito de sequência e para estabelecer padrões diferentes. No final, construímos o mural.

Podemos agora então centrarmo-nos no centro do mundo. Foi de facto o impacto que teve em nós, quando aqui entrámos e vimos estes painéis impressionantes do centro do mundo, que nos levou a interessar por este vosso projeto. Como é que os meninos chegaram a estes produtos tão bonitos?

MAG – O grupo que realizou este trabalho na altura tinha ido já algumas vezes à Universidade por motivo de visitas a familiares que trabalhavam lá. Quando as educadoras perguntaram onde é que poderíamos encontrar azulejos que nos contam histórias, os miúdos lembraram-se da Univer-

sidade. E foi a partir daí que as educadoras decidiram ir à Universidade observar e perceber *afinal* o que é o Centro do Mundo. E foi tão simples quanto isto. As crianças foram, admiraram, olharam a beleza dos painéis, tiveram curiosidade em tocar para perceber.

Depois também houve alguém que os ajudou a perceber como é que se recuperam azulejos danificados, mas foi muito a partir da sua observação e depois da sua interpretação do que viam.

AR – Quando visitámos o espaço a curiosidade das crianças foi enorme, principalmente pelas histórias que a professora Ester contou.

Sempre muito atentos, a magia destes painéis e as suas figuras despoletaram muitas questões nas crianças: “Porquê 4 *Elementos*? Quais são? Que Deuses são estes? Têm nomes estranhos!...”

IN – As crianças ficaram encantadas com as figuras, os leões e os pavões com belas caudas que puxam coches, os canhões, os raios e coriscos, as flores as frutas, os elefantes, os camelos e os anjos, o Neptuno e o seu tridente. Estes misteriosos painéis tornaram-se objeto de estudo destes 2 grupos de crianças de 4/5 anos.

E como é que foram feitos os painéis? Não foram feitos por crianças individualmente...

MAG – Não, este é o trabalho de duas salas. Eles estavam divididos por grupos de interesse, percebeu-se quem é que queria desenhar o quê, qual o painel que mais os inspirou. A partir daqui as crianças fizeram as suas escolhas e integraram se nos respetivos grupos.

Então cada criança escolheu se queria desenhar o painel da Água, do Fogo, da Terra ou do Ar?...

MAG – exatamente. Mas é claro que eles sabem a histórias destes painéis. Para além dessa dimensão estética do olhar, e da reprodução pelo desenho há sempre a história que

está aqui. E foi a olhar o que é belo que a sensibilidade de cada um se revelou. Tem que haver um tempo para olhar...

Sérgio Niza fala-nos no tempo para o “espanto”...

MAG – Tem que haver tempo, pararmos para olhar, para dizer o que vimos, ou se não quisermos falar agora expressarmo-nos como entendemos na sala através de diversos meios como o desenho, a pintura, a dança...

Eles quando fizeram os painéis estavam então organizados por grupos nas salas?

AR – Sim, mas havia já um registo antes de tudo isto ter sido feito de desenhos das crianças de tudo o que se passou. Onde é que fomos? Porque é que fomos e o que é que observámos? O que viram e o que gostaram? E nesses registos está bem descrito o que foi falado a propósito da observação de cada painel. E a partir daí é que se chegou ao resultado final... a partir dos registos individuais de cada um é que depois se combinou como é que iríamos integrar todos nos painéis.

IN – Uns desenharam os pássaros outros os querubins. Foi um trabalho negociado. Durante este processo eles tinham nas salas expostas as fotos dos painéis e recorriam a elas várias vezes e a partir da sua observação reiterada iam planeando fazer mais elementos nos painéis.

As crianças durante este processo foram comunicando ao grupo o trabalho e o progresso do trabalho. Foi combinado entre todos como seriam usadas as cores e os materiais. Ficou decidido que seria um trabalho o mais próximo da realidade possível, em termos de forma, cores e figuras, o que exigiu uma observação continua dos modelos (fotos). Isto levou a que a experiência da visita à Universidade e a observação dos painéis do centro do mundo fosse sendo progressivamente apropriada e compreendida. Não é um processo imediato...

Passado um ano, houve a exposição na Universidade e

eles foram visitar... o que é que isto significou para os meninos e para a equipe?

EL – O meu grupo já tinha ido para o primeiro ciclo, mas eu acompanhei o grupo da Bela e da Inês e eles estavam encantados por ver os seus trabalhos expostos ao lado dos painéis originais... estavam maravilhados! E sentiram-se reconhecidos. O trabalho que fizeram é importante... E para nós enquanto educadoras é gratificante ver o trabalho das crianças valorizado no próprio local do Centro do Mundo.

Sob o ponto de vista da Universidade houve também um efeito de espanto enorme... era um corrupio quer de turistas a tirar fotografias, quer de pessoas da Universidade que se surpreenderam de ver este diálogo com o nosso património feito por crianças tão novas.

MAG – Eu vou falar por mim que acompanhei noutra perspetiva. Os miúdos claro que sentem orgulho por ver os trabalhos deles expostos e valorizados. Também gostei porque acho que foi provocador de coisas boas, de conversas e espantos. É provocador entrar numa escola de crescidos (como dizem os miúdos) e observar as reações das pessoas perante um grupo de crianças.

Senti-me orgulhosa porque estamos a falar de um Pré-escolar de uma idade que, como a Assunção disse, as pessoas podem achar que é uma proposta ambiciosa e não entendem porque é que fazemos isto... não levam tão a sério... e eu achei que foi também uma forma de provocar esta reação. Afinal há aqui um sentido nestas coisas. Os meninos andam por aqui mas não andam só a fazer uns desenhinhos e a brincar. Eu gostei dessa provocação.

As crianças aqui surgem como autoras e cidadãs... e esta é uma perspetiva bem longe da imagem de criança ainda por vezes menorizada.

MAG – lembrei-me logo desta frase: as pessoas perguntam aos meninos *o que é que queres ser quando fores grande?* Esquecem-se que a criança *já* é alguém com ideias e opi-

niões, *com gostos e vontades particulares*. Os adultos têm de ser *ouvintes!*

EL – Há outra situação que também gostaria de salientar. O cuidado que demonstraram na forma como trataram a exposição. Eu senti por parte dos pais esse feedback em que a exposição está uma coisa nobre, está séria, “Os nossos filhos estão lá representados e com dignidade.” O facto de terem legendas, de se perceber quem é que participou no quê e todo o percurso do projeto fez toda a diferença. Para os pais também foi muito importante! ■





UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO